

ÉTICA CRISTÃ E CULTURA CAPITALISTA

Francisco Caetano Pereira *

“A economia monetarista é a alma da moderna sociedade tecnológico-industrial... Mas o preço que se há de pagar é elevado: o distanciamento definitivo do imediatismo das coisas, a asfixia da cultura subjetiva pela cultura objetiva.”

George Simmel

Resumo:

O mundo hodierno é testemunha do triunfo do capitalismo que praticamente não deixa espaço para qualquer outra alternativa. O capitalismo não se contentou em ser apenas um sistema econômico, mas é gerador de uma cultura, onde o capital quer ser a medida de todas as coisas, assim nesse contexto Deus é supérfluo e, por conseguinte, a Igreja também. Daí o desafio para o homem moderno que quer viver cristamente numa sociedade capitalista.

Palavras-chave: Capitalismo, Cultura e Cristianismo

1. Ética, em seu sentido mais amplo, pode ser definida como a sensibilização da consciência humana por certos valores ou pelo que considera como valor. Esses valores podem ser representados por normas, as quais são relativas e culturais em sua formulação. Infere-se, daí, que existem tantas éticas quantas ideologias, sistemas de pensamento, culturas, interpretações da História, do Homem e do Mundo. Todavia as éticas têm em comum a interpretação do homem e seu destino.

A ética religiosa busca viver os valores baseada em uma interpretação teológica da História. Assim, a ética cristã é a resposta da comunidade cristã a Deus em um determinado momento da História. Essa resposta se fundamenta em uma interpretação da fé, *hic et nunc*. Por isso a vivência concreta dos valores, também na fé cristã, assume características próprias em cada época e em cada cultura, já que cada época tem seus problemas e sensibilidade próprios. Não obstante, há que se ter em conta que a ética está além da disciplina da cultura, dos *ethos* particulares, pois ela é o dogma historicizado, apesar da relativização em sua formulação normativa.

No contexto do que foi descrito, pode-se deduzir a dificuldade que tem a fé cristã para formular normativamente sua ética no espaço e no tempo. *In casu*, no contexto da cultura capitalista.

2. Sem dúvida, o mundo moderno respira a cultura capitalista que já se incorporou ao seu *modus vivendi*. Nesse sentido, intervém o Professor Javier Divar, dizendo:

*“O capitalismo moderno tem como característica sociológica mais notável a de sua integração social, a tal ponto que impregnou toda a comunidade com seus princípios, convertidos, assim, em categorias sociais, podendo se falar, em consequência, de uma cultura capitalista.”*¹

Ainda na mesma perspectiva aponta Georg Simmel, quando assinala:

“A economia monetarista é a alma da moderna sociedade tecno-industrial. Basta pensar no enorme capital necessário para pôr

em marcha a indústria moderna, no enorme tráfico econômico que resulta das formas capitalistas de produção. Tudo isso seria impensável à margem de um meio de troca, por assim dizer, cômodo e asséptico. Mas o preço que se há de pagar é elevado: o distanciamento definitivo do imediatismo das coisas, a asfixia da cultura subjetiva pela cultura objetiva.”²

Do que foi dito acima, pode-se inferir, com o Professor Javier Divar, que “*o capitalismo já não é somente um modelo econômico, mas um sistema social*”.³

A configuração do Capitalismo como sistema social é fato inegável e, a meu julgamento, expressa a característica mais notável da modernidade.

Por **modernidade** entende-se, como o fez Anthony Giddens:

*“... em um sentido muito geral para referir-me às instituições e modos de comportamento impostos primeiramente na Europa posterior ao feudalismo, mas que no século XX adquiriram, por seus efeitos, um caráter histórico mundial. O termo **modernidade** se pode considerar equivalente, aproximadamente, à expressão **mundo industrializado**, desde que se aceite que a industrialização não se resume unicamente a seu aspecto institucional. Utilizo a palavra industrialização para referir-me às relações sociais que levam consigo o emprego generalizado da força física e da maquinaria nos processos de produção.”*⁴

Este Capitalismo que modelou modernamente o novo rosto de nossa civilização incorporou-se de tal maneira ao nosso *modus vivendi* que já se fala de cultura capitalista, como assinala o Professor

Javier Divar:

“O capitalismo moderno tem como característica sociológica mais notável a sua incorporação social, a tal ponto que converteu toda a sociedade aos seus princípios, estabelecidos como categorias sociais, e se pode falar com propriedade de uma cultura capitalista.”⁵

A propósito dessa cultura capitalista, o citado professor Divar aponta seus principais caracteres:

1. exclusivismo economicista: considera de fato o lucro, o ter, o dinheiro como medida de tudo e de todos (a aceitação de pessoas depende do que possuam). Essa característica se contrapõe frontalmente à ética cristã e ao ensinamento oficial da Igreja, que, com base nas Sagradas Escrituras e em muitos documentos, tem expressado o primado do Homem sobre todas as coisas e como o ponto mais alto da criação;
2. formação tecnocrata: cada vez mais se propõe a especialização em detrimento da educação global, na qual o homem possa refletir filosoficamente sobre os três grandes desafios de sua vida: o Absoluto, o Universo e o próprio Homem. Assim, o que ganha em especificidade, alcançando muitos progressos no ramo das Ciências, o perde em globalidade, entendida como visão de conjunto que a reflexão filosófica pode oferecer. Isso porque não disporá de elementos suficientes para fazê-lo, tornando-se o ser hu-

- mano mais frágil diante do poder econômico, já que lhe falta a capacidade crítica de interpretar globalmente os fatos;
2. individualismo insolidário: o primado do sistema econômico, sem dúvida, tem considerado o ser humano como uma simples peça dentro do jogo de produção e consumo, negando-lhe sua dimensão comunitária e participativa, o que tem como resultado um individualismo patente, perdendo-se o sentido da solidariedade. O homem vê o outro como um adversário ou concorrente. Agora temos perspectiva histórica para entender o que dizia Hobbes: *homo homini lupus*;
 3. consumismo hedonista: constantemente, criam-se necessidades supérfluas como forma de dar evasão ao consumismo que, cada vez mais, tem fome de novidade. O consumismo, por sua vez, é a força motriz da produção, esta sempre crescente em quantidade e qualidade, mas com o *animus* de ser descartável, o mais freqüentemente possível, para se consumir mais.

Nesse contexto, os meios de comunicação têm um papel extraordinário, prestando-se a tornar mais intensa a filosofia “do prazer”, já tão vivamente presente em nossas vidas. Quase de maneira mórbida, o hedonismo, hoje, é praticamente uma religião.

A propósito do hedonismo, Michel Quoist⁶ assinala que o verdadeiro prazer é o do espírito, porque tem sabor de vida e nos transporta para a eternidade, enquanto o prazer da carne nos enoja, satura-nos e tem sabor de morte.

Curiosamente, a busca do prazer e do ter, de forma sempre crescente, provoca cegueira e profunda insensibilidade para com nos-
sos semelhantes. Assim, não se vê, não se escuta seu clamor, pois o
que sobra na mesa dos que têm muito é o que falta nas mesas dos que
nada têm, nem mesa.

Nesse universo descrito, é muito apropriada a denúncia que
faz o Professor Javier Divar:

*“As conseqüências deste estado de coisas são muito variadas, e todas
preocupantes. Na ordem das idéias, o nihilismo destrutor da alma social, de
seu espírito fundador. No âmbito dos afetos, a extirpação e a desconsideração
dos atos desinteressados. As idéias progressistas, que permitiram à humani-
dade alguns de seus melhores avanços, são substituídas por posições oportu-
nistas ecléticas, frias e utilitárias, mas que não movem os espíritos generosos.
Os cultos do espírito são substituídos pelo culto ao corpo, que passa a ser a
preocupação prevalecte. A falta de afetos e de sacrifícios vai nos fazendo
percorrer o caminho que nos conduz a uma sociedade de viciosos egoístas, que
despreza toda outra forma de cultura, como inferior, com o displicente gesto
de quem crê estar em posseção da verdade científica”.*⁷

3. Indubitavelmente, a cultura Capitalista tem como um dos
mais expressivos triunfos as empresas multinacionais, as
quais, ao lado do que se pode apontar como negativo, têm
feitos positivos, que foram devidamente elencados por C.
Kindleberger, lembrados por Javier Divar:

*“1. Realizam notáveis aportes tecnológicos sem os quais as economias
nacionais são menos competitivas.*

2. *Em correspondência com o anterior, melhoram a preparação técnica dos especialistas interiores e dos operários.*
3. *Incorporam recursos econômicos imediatos e reflexos, aumentando as arrecadações fiscais.*
4. *Facilitam empregos, dinamizando o mercado de trabalho.*
5. *Melhoram as técnicas de direção, de recursos humanos e de gerência.*
6. *Beneficiam os consumidores ao introduzirem novos produtos e serviços.*
7. *Rompem monopólios locais e elevam o nível de concorrência empresarial.*
8. *Desenvolvem a produtividade e aumentam a eficiência empresarial interior.*
9. *Beneficiam a balança de comércio aumentando as exportações.*
10. *Abrem econômica, social e culturalmente o país às relações com o exterior.”⁸*

4. Depois do quanto se disse sobre a cultura Capitalista que respiramos, com seus pontos negativos e positivos e, ainda, ao lado do que foi dito sobre a ética cristã, cabe-nos fazer algumas inferências do exposto:

1. *A cultura Capitalista é um fato consumado. Pode-se afirmar que o mundo, hoje, respira capitalismo em todos os lugares.*
2. *O Capitalismo reina soberano porque triunfou no mundo e não há, praticamente, outra alternativa, no momento.*

3. *A cultura Capitalista expressa muitos valores que devem ser reconhecidos, ao lado de contravalores que devem ser registrados.*
4. *O Capital é a medida de todas as coisas, e não o Homem, o que nos parece extremamente negativo. Conclui-se que o Homem está a serviço do poder econômico e não o poder econômico a serviço do Homem.*
5. *A cultura Capitalista prescinde de Deus e, por suposto, da Igreja.*
6. *A Igreja já não dita normas de conduta, como ocorria na Idade Média. O velho adágio “Roma locuta causa finita” não se aplica mais.*
7. *A Igreja Cristã tem que continuar sua missão no espaço e no tempo, ensinando o primado do Homem na criação; a soberania de Deus sobre tudo e sobre todos, e a salvação em Jesus Cristo.*
8. *A ética cristã precisa interpretar teologicamente a cultura Capitalista, ressaltando os valores efetivamente positivos e procurando influenciar para que se mudem aqueles que, de fato, são negativos. Há que se ter em conta que a cultura é obra do Homem, e este pode transformá-la.*
9. *A Igreja não tem modelos econômicos a propor, como o reconhece o professor Javier Divar, mas, com sua experiência de dois mil anos, pode influenciar os sistemas, sejam quais forem, humanizando-os (o Homem como preocupação primeira). A Sagrada Escritura*

disponibiliza princípios que devem fundamentar um novo modelo econômico. O Capitalismo é visceral e intrinsecamente antagônico ao Cristianismo.

Para finalizar, uma advertência: “ *Viver no mundo gerado pela modernidade recente é como cavalgar em ombros de uma divindade destrutora.* ”⁹

NOTAS

- ¹ JAVIER DIVAR, Valores Sociales y Cultura Capitalista en el Orden Económico Transnacional. IN el Poder de Decisión en las Grandes Sociedades, Universidad de Deusto, Bilbao, 1985, p. 11.
- ² GEORG SIMMEL, El individuo y la Libertad, ed. Pensínsula, Barcelona, 1986, p.24.
- ³ JAVIER DIVAR, op. cit. p. 15.
- ⁴ ANTHONY GIDDENS, Modernidad y Identidade del Yo, ed. Pensínsula, 1995, Barcelona, p. 26-27.
- ⁵ JAVIER DIVAR, Análisis del Poder Económico, Universidad de Deusto, Bilbao, 1991, p.20.
- ⁶ QUOIST. Michel, Construir o homem e o mundo, tradução Rose Marie Murano, 27^o edição, Duas Cidades, 1977. São Paulo, p. 88.
- ⁷ ibidem. 47.
- ⁸ Idem, in El Poder de Decisión en las Grandes Sociedades, op. cit. p. 43.
- ⁹ ANTOHONY GIDDENS, op. cit. p. 43.